

PENSAR A AMAZÔNIA COM O CORPO: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO GT DE GEOGRAFIA E GÊNERO NA UFPA

Débora Aquino Nunes ¹
Cintia Cristina Lisboa da Silva ²
Aline Lima Pinheiro Machado ³
Benedita Alcidesma Coelho dos Santos Magalhães ⁴
Marília Geovana de Oliveira Lisboa ⁵

RESUMO

Este é um relato de experiência com o objetivo de apresentar ao GT Geografia e Diversidade: gêneros, sexualidades, etnicidades e racialidades da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia a institucionalização do Grupo de Trabalho Geografia e Gênero da Amazônia (GT GGEAMA) na Universidade Federal do Pará (UFPA), criado em 2022. O grupo tem como objetivo inserir debates sobre gênero, corpos, raça e sexualidades no campo da Geografia, promovendo uma perspectiva feminista e interseccional na análise da geografia amazônica. A abordagem teórico-metodológica fundamenta-se em geografias feministas e corporificadas, utilizando-se de encontros formativos, oficinas, palestras e parcerias com outros grupos e instituições para a discussão de temas como justiça ambiental, territorialidade e cartografias dissidentes. Como principais resultados, destaca-se a ampliação da rede de colaboração, a influência na produção acadêmica e didática de seus integrantes e a promoção de uma geografia mais politizada e humanizada, apesar dos desafios como a limitação de recursos e a resistência institucional. O GT consolida-se como um espaço importante para a desobediência e a pluralidade epistêmica e a valorização de saberes amazônicos.

Palavras-chave: Geografia e Gênero, Amazônia, Feminismo, Interseccionalidade, Corpo.

RESUMEN

Este es un relato de experiencia que tiene como objetivo presentar al GT Geografía y Diversidad: géneros, sexualidades, etnicidades y racialidades de la Asociación Nacional de Posgrado e Investigación en Geografía, la institucionalización del Grupo de Trabajo Geografía y Género de la Amazonía (GT GGEAMA) en la Universidad Federal de Pará (UFPA), creado en 2022. El grupo tiene como objetivo insertar debates sobre género, cuerpos, raza y sexualidades en el campo de la Geografía, promoviendo una perspectiva feminista y interseccional en el análisis de la geografía amazónica. El enfoque teórico-metodológico se fundamenta en geografías feministas y corporificadas, utilizando encuentros formativos, talleres, conferencias y alianzas con otros grupos y instituciones para discutir temas como justicia ambiental, territorialidad y cartografías disidentes. Como principales resultados, se destaca la ampliación de la red de colaboración, la influencia en la producción académica y didáctica de sus

¹ Mestre em Planejamento do Desenvolvimento (NAEA/UFPA) da Universidade Federal do Pará- UFPA e professora do Instituto Federal do Pará – campus Abaetetuba, debora.aquino@ifpa.edu.br ;

² Mestre em Gestão Território pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG e doutoranda em Geografia pela mesma universidade, cintia.slisboa@gmail.com ;

³ Mestra em Geografia (PPGEO) pela Universidade Federal do Pará – UFPA e doutoranda em Geografia pela mesma universidade, pinheiro.algeo30@gmail.com ;

⁴ Doutora em Educação (PPGED) pela Universidade Federal do Pará – UFPA e professora de Geografia pela mesma universidade, alcidema@ufpa.br;

⁵ Mestre em Geografia (PPGEO) pela Universidade Federal do Pará – UFPA, marilia.lisboa@ifch.ufpa.br

integrantes y la promoción de una geografía más politizada y humanizada, a pesar de desafíos como la limitación de recursos y la resistencia institucional. El GT se consolida como un espacio importante para la desobediencia y pluralidad epistémica y la valorización de saberes amazónicos.

Palabras clave: Geografía y Género, Amazonía, Feminismo, Interseccionalidad, Cuerpo.

INTRODUÇÃO

No dia 8 de março de 2022, a partir da roda de conversa intitulada “Qual o lugar das mulheres na Geografia?”, nascia o GT GGEAMA/UFPA – Grupo de Trabalho Geografia e Gênero da Amazônia, coordenado pela professora Alcidema Coelho⁶ e, em conjunto, liderado pela estudante, na época discente do mestrado do PPGeo/UFPA, Aline Pinheiro⁷.

Este dia pode ser reconhecido como o marco legal e institucional público da criação do grupo, contudo, para que sua concretude pudesse acontecer, rupturas teóricas, metodológicas e de formas de se conceber e praticar a geografia já existiam na mente e no interesse das pessoas que iniciaram o GT.

Com isto, o presente relato de experiência objetiva apresentar, formalmente, o Grupo de Trabalho Geografia e Gênero da Amazônia ao GT Geografia e Diversidade: Gêneros, Sexualidades, Etnicidades e Racialidades, à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia.

Tal ação política e científica representa transformações no imaginário e na prática teórico-metodológica da geografia amazônica, em especial no Estado do Pará, a partir da UFPA – Universidade Federal do Pará. Vale ressaltar que a criação do grupo se deu como demanda de uma relação entre universidade e sociedade, tendo em vista que do mesmo modo que o

⁶ Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (2001); Licenciada em Geografia (UFPA, 2005), Bacharel em Geografia (UFPA, 2005); Mestre em Educação - Políticas Públicas Educacionais pela Universidade Federal do Pará/PPGED (2009) e possui Doutorado em Educação-Políticas Públicas Educacionais pela Universidade Federal do Pará (2018). Atualmente é Professora Adjunta da Faculdade de Geografia e Cartografia do IFCH – UFPA e da Pós-Graduação em Geografia na mesma instituição

⁷ Graduada em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal do Pará (2017). Especialista em Ensino de Geografia pela Universidade Federal do Pará (2019). Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPA/IFCH. Atualmente, é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPA, na área de Organização e Gestão do Território pela Linha de pesquisa Dinâmicas socioambientais e Recursos Naturais na Amazônia. Participa e atua no Grupo de Estudo Paisagem e Planejamento Ambiental (GEPPAM/UFPA) e é colaboradora no Grupo de Trabalho Geografia e Gênero da Amazônia (FGC-UFPA). Possui atuação voltada para as dinâmicas socioambientais e recursos naturais na Amazônia, com ênfase em Gestão de Recursos Hídricos, Biogeografia, Educação Ambiental e Geografias dissidentes e de gênero.

debate de gênero cresceu (de forma crítica e acrítica) no cotidiano, isso também precisava refletir na geografia, que não pode (ou não deveria) ignorar o reflexo social a sua volta.

Ressaltamos que a partir do indicativo de temas desenvolvidos no GT, o mesmo se observa como uma orientação e possibilidade de práticas de temas dissidentes e corporificados na geografia (Silva, 2009; Silva, Ornat, Chimin Junior, 2016), tendo em vista que trabalhos como: justiça ambiental, divisão sexual do trabalho, território ancestral, relação sociedade e natureza, cartografias sociais, etc, são temas que figuram na discussão do grupo a partir de pesquisas relacionadas às e aos integrantes, passando pelo processo de interseccionalização incluindo, posteriormente, a discussão de racialidades e de sexualidades em diálogo com os debates críticos e generificados.

Para tanto, este relato se divide em outros dois tópicos, sendo o aprofundamento com relação a experiência das atividades realizadas ao longo desses 3 anos, seguido de um segundo tópico de resultados, identificando como as práticas do GT GGEAMA tem repercutido na geografia da UFPA e do contexto amazônico.

METODOLOGIA

O Relato de Experiência é um texto que descreve uma vivência acadêmica ou profissional no ensino, pesquisa ou extensão. Sua principal característica é a descrição detalhada de uma intervenção realizada, que deve ser fundamentada em referências científicas e acompanhada de uma reflexão crítica sobre o processo (Mussi, Flores, Almeida, 2021).

A produção de estudos, como o Relato de Experiência, tem como finalidade contribuir para a construção de práxis e divulgação de saberes-fazeres. É importante destacar que todas as autoras do texto fazem parte do GT de Geografia e Gênero da Amazônia desde seu início, algumas intermediaram seus primeiros passos e outras se inseriram no grupo antes dele completar 2 anos. Nesse contexto, consideramos que esse trabalho, gerado por meio da descrição e análise das intervenções, do embasamento teórico e da reflexão crítica, é fundamental para divulgação e fortalecimento das discussões sobre Geografia e Gênero na Amazônia e mais especificamente no Estado do Pará.

(APROFUNDAMENTOS) DE UMA PRÁTICA FEMINISTA NA UFPA

Ao longo desse tempo, o GT foi crescendo não apenas na UFPA, tendo em vista que hoje, através dos encontros e estudos no formato *online*, a possibilidade de participação de

membros de outros estados e outras instituições tem ocorrido, a exemplo de pessoas vinculadas a universidades do sul, bem como em outros estados e municípios do norte e em múltiplas instituições do Pará, a exemplo das parcerias com o IFAP, IFPA, UEPA, UFOPA, UFPR e UEPG.

Ressaltamos que grande parte das pessoas envolvidas e relacionadas as 7 instituições que compõem o GT GGEAMA são vinculadas a cursos de graduação e/ou pós-graduação (mestrado e doutorado) em Geografia, compreendemos tal ponto como a demanda social de tais debates (Ribeiro, 2017), mas também como uma demanda ‘situada’ da própria geografia ao reconhecer a necessidade de complexificação dos debates encarnados no espaço (Zaragocin, 2018).

Em relação as parcerias e redes estabelecidas com outros grupos, coletivos e ONG’s, realizamos atividades em conjunto com: GEPPAM - Grupo de Estudos Paisagem e Planejamento Ambiental (Geografia – UFPA), Grupo de Estudos e Pesquisas "Eneida de Moraes" sobre mulher e relações de gênero – GEPEM (Ciências Sociais – UFPA), Grupo de Pesquisa de Geografia do Turismo – GGEOTUR (Geografia – UFPA), Grupo de Estudos Territoriais - GETE (UEPG), Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade Sexual – NEGED (IFPA), Centro de Tecnologia em Ciências Humanas e Sociais (CETECHS/IFPA – campus Abaetetuba), Coletivo Iaras (Belém – Santarém), a ONG COJOVEM e o Comitê Dorothy Stang - Pará

As atividades realizadas nos dois primeiros anos (2022 e 2023), tiveram um caráter diverso, tendo ocorrido oficinas de apresentação do tema e de divulgação do GT na semana de calourada na UFPA, com o título “Introdução ao gênero e a geografia socioambiental”, no ano de 2022, e “Geografia e gênero: uma abordagem transversal para a sala de aula no ensino básico”, no ano de 2023, esta última sendo aplicada novamente no ano de 2024. Entendendo a atuação científica também como política, em especial a partir de uma ciência situada (Haraway, 1995), em novembro de 2023, mês da consciência negra, tivemos a palestra Geografias Negras para pensar Amazônia. Por fim, também ocorreram atividades como o minicurso sobre Ensino de Geografia e diálogos com Gênero, e o nosso I Colóquio de Introdução ao debate de Gênero.

Tendo passado este momento de divulgação e criação de uma rede maior do GT, em 2024 o foco de atuação se deu sobre a formação teórico-metodológica e política de uma geografia feminista e corporificada (Silva; Silva, 2014). Com isto, ao longo do ano tivemos 5 encontros formativos, sendo: 1) Corporificações geográficas: inquietações iniciais; 2) Cartografias diaspóricas e feminismos pretos: corpo-território e dissidências na cidade; 3) Aproximações e práticas para uma geografia feminista decolonial amazônica, 4) Gênero e



patrimônio: deslocamentos do patrimônio cultural no urbano, e 5) Masculinidades na geografia: a produção do espaço a partir do corpo.

Destacamos que além da formação político-científica, atuamos também na militância feminista ambiental dos nossos lugares de atuação, sobretudo em Belém – Pará e em Santarém – Pará. Deste modo, nos fazemos presentes como GT em manifestações feministas e ambientais, a exemplo da mobilização nacional do 8 de Março e do ato nacional contra o PL 1904 (criança não é mãe! Estuprador não é pai!), e participação no CineFront, cujo evento se deu em celebração à memória dos 20 anos do martírio de Irmã Dorothy Stang.

Paralelo as atividade já mencionadas, todas as pessoas que fazem parte do grupo incluíram debates corporificados, em especial na questão de gênero via mulheres, mas também sobre questões raciais e de sexualidades, em seus trabalhos. Sendo assim, de 2022 a 2025 diversas pessoas do grupo apresentaram trabalhos em eventos científicos nacionais e regionais, publicaram artigos em periódicos da geografia e fora da geografia, do mesmo modo que defenderam trabalhos de conclusão de curso – TCC, dissertações (de mestrado), e já passaram pelo processo de qualificação do doutorado (4 apenas em 2025), bem como, na sua prática docente (nível básico, médio e superior) os debates também se tornaram presentes.

Com isto, indicamos que a prática feminista na UFPA, com foco, neste caso, pela geografia, tem crescido, se fortalecido e incomodado. Os incômodos partem de inúmeras origens, em especial dentro de uma instituição com caráter colonial e moderno (Oliveira, 2022), que são os centros de saberes, mas também por pessoas (fora e dentro da geografia) que não entendem a necessidade das desobediências epistêmicas (Silva; César; Pinto, 2020).

EFEITOS (RESULTADOS) DE UMA GEOGRAFIA FEMINISTA AMAZÔNIDA

Como resultados das experiências já apontadas, identificamos que a institucionalização de uma temática e de um grupo como o GTGGEAMA é importante, sobretudo no que se refere a legitimação e ao respeito de debates considerados a margem da produção e prática majoritária da geografia.

Outro ponto diz respeito a formação política e científica das pessoas que fazem parte do GT GGEAMA, identificando que, neste caso, as leituras e conversas servem não apenas como uma educação científica, mas também como uma educação política influenciando a forma de ser e estar no mundo para além da academia.

Deste modo, pudemos complexificar a geografia feita e pensada na Amazônia ao reconhecer e destacar o corpo como um dos elementos centrais nas diferentes experiências de

organização e de vivência espacial. No nosso grupo a encarnação do espaço se dá com foco na dimensão generificada, em especial pelas mulheres, mas também a partir da racialidade e da sexualidade.

Nesta experiência e na história de 3 anos do GT percebemos as inúmeras potencialidades práticas e teóricas que o contexto amazônico tem a contribuir com a geografia e as próprias humanidades, trazendo uma abordagem pouco valorizada e praticada no norte, que até então possuía um único grupo com a temática de gênero institucionalizado na geografia, sendo o *Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero – GEPGENER* – Universidade Federal de Rondônia (UNIR), coordenado pela Professora Maria das Graças Silva.

No que se refere as dificuldades encontradas, percebemos que parte dos trabalhos e pesquisas desenvolvidas por membros/membras do GT precisam, ainda, inserir a discussão corporificada de modo transversal, não sendo o foco as questões de gênero e de corpo. Tal prática é entendida como uma estratégia para não se furtar a temas tão caros e necessários à geografia, do mesmo modo que a questão financeira afeta o grupo que não possui renda para a criação de bolsas específicas ou realizar campanhas presenciais de sensibilização docente e discente sobre as atividades e temáticas trabalhadas, apesar de que algumas campanhas e chamadas foram realizadas, como para a mesa de geografias negras e de sensibilização e canais de enfrentamento contra assédio e violência de gênero presentes na UFPA.

Assim, perceber-se os inúmeros frutos construídos e conquistados ao longo dos 3 anos de existência do grupo. Ressaltamos que buscar uma desobediência prática e epistemológica não acrescenta flores ou facilita o caminho, todavia, nos fortalece como um grupo que busca politizar e humanizar, a partir do corpo, a geografia amazônica, e consequentemente, brasileira, reforçando nosso compromisso com a equidade de gênero e a diversidade na academia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A institucionalização do Grupo de Trabalho Geografia e Gênero da Amazônia (GT GGEAMA) na Universidade Federal do Pará (UFPA) representa um marco significativo para a renovação epistemológica e política da Geografia na região amazônica. Ao longo de seus três anos de existência, o grupo consolidou-se como um espaço de resistência político-acadêmica, desobediência epistêmica, acolhimento e valorização de saberes corporificados, promovendo uma geografia feminista, de gênero, decolonial e interseccional na região.



Entre os principais avanços trazido ao longo de sua história, destacam-se: a) a ampliação de redes colaborativas com instituições nacionais e locais, fortalecendo a troca de conhecimentos e a atuação em parceria; b) a influência direta na produção acadêmica e didática de seus integrantes, com reflexos em trabalhos de conclusão, dissertações, artigos, relatos de experiência e práticas docentes; c) a promoção de uma geografia corporificada, que coloca o corpo, o gênero, a raça e a sexualidade como centrais para a compreensão das dinâmicas espaciais amazônicas, trabalhadas também de forma prática; e) a articulação entre teoria e militância, com participação ativa em movimentos sociais e ambientais, reforçando o compromisso com a justiça espacial e ambiental.

Apesar dos desafios, como a limitação de recursos, a resistência institucional e a necessidade de interseccionalizar com mais intensidade os debates de gênero, raça e corpo com o debate de sexualidades, por exemplo, o GT GGEAMA demonstra que é possível construir uma geografia mais politizada, humanizada e corporificada na/da Amazônia. Assim, o grupo reafirma seu compromisso com a equidade de gênero, a pluralidade epistêmica e a valorização dos saberes amazônicos, inspirando novas gerações de geógrafas e geógrafos a pensar e fazer a Geografia com o corpo, com afeto e com responsabilidade política. A consolidação do GT na UFPA, transformando-o, quem sabe futuramente, em Grupo de Pesquisa, não apenas preenche uma lacuna crucial nos debates acadêmicos, mas também sinaliza um caminho necessário para o futuro dessa ciência.

Por fim, o GT GGEAMA não se limita a um espaço de estudo, mas se configura como um projeto político-epistemológico em constante expansão. As possibilidades de avanço residem justamente na capacidade de continuar articulando a formação teórica com a militância prática e a produção acadêmica com a transformação social. Ao seguir humanizando e politizando a Geografia a partir do corpo, o grupo não apenas abre novos caminhos para o pensamento geográfico, mas também reforça, de forma urgente, o compromisso com a construção de amazônias mais justas e plurais.

REFERÊNCIAS

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, s/v. n. 5, p. 7 - 41, 1995.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, out.-dez., 2021.



OLIVEIRA, Ricardo. Epistemes entre descobertos e descobridores: Colonialidade do saber/poder e geopolítica na construção da geografia timorense. In: XII ENANPEGE – Geografia, Ciência e Política: Do pensamento à ação, da ação ao pensamento, 12, 2017, Porto Alegre. **Anais** [...] Porto Alegre: ANPEGE, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319434760_EPISTEMES_ENTRE_DESCOBEROS_E_DESCOBRIDORES_COLONIALIDADE_DO_SABERPODER_E_GEOPOLITICA_NA_CONSTRUCAO_DA_GEOGRAFIA_TIMORENSE. Acesso em 23 de junho de 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte – MG: Editora Letramento, 2017, 112p.

SILVA, Joseli. Fazendo Geografia: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, Joseli (Org.). **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p. 25 – 54.

SILVA, Joseli; ORNAT, Marcio; CHIMIN JUNIOR, Alides. Sobre as desobediências epistemológicas e o testamento intelectual de Milton Santos. In: SILVA, Joseli; ORNAT, Marcio; CHIMIN JUNIOR, Alides (Orgs.). **Geografias Feministas e das Sexualidades: Encontros e diferenças**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016, p. 13 – 30.

SILVA, Joseli; SILVA, Maria. Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise espacial no Brasil: em direção às pluriversalidades do saber geográfico. In: SILVA, Maria; SILVA, Joseli (Orgs.). **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2014, p. 17 – 38.

SILVA, Joseli; CESAR, Tamires; PINTO, Vagner. Fazendo Geografias Feministas: apontamentos sobre desobediências epistemológicas. In: ALVES, Flamarion; AZEVEDO, Sandra (Orgs.). **Análises geográficas sobre o território brasileiro: Dilemas estruturais à Covid-19**. Editora UNIFAL – MG, p. 14 - 29, 2020.

ZARAGOCIN, Sofia. Hacia una reapropiación de la geografía crítica em América Latina: presentación del dossier. **Íconos - Revista de Ciências Sociais**, n. 61, p. 11 – 32, 2018.